

Parashat Hashavua – Behalotchá

Olá a todos leitores da do HD Amlat! É primeira vez que escrevo um texto da parasha para tanta gente, por isso vou introduzir brevemente como farei esta tentativa.

Uma porção da Torah pode ser abordada de várias maneiras, com diversos enfoques. O que eu tentarei fazer é abordar o contexto da parasha na narrativa bíblica e transmitir uma mensagem que possa ser captada desta seção, com auxílio de comentaristas clássicos (ou seja, algumas ideias não são inteiramente originais, mas retiradas de algum comentarista). Não é meu objetivo citar tudo que é narrado na parashá (se quiser, veja aqui: <http://www.chabad.org/.../jewi.../Behaalotecha-in-a-Nutshell.htm>).

“Behalotchá” significa “quando acender”, ou “ao acendimento”. D’us está instruindo Aharon como acender corretamente a Menorá. Esta passagem segue diretamente a consagração do Tabernáculo finalizada com as oferendas dos líderes das tribos e, portanto, pronto para iniciar suas atividades. Aharon está sendo instruído para consagrar a Menorá e então, finalizar o último detalhe antes da inauguração do Tabernáculo. Toda esta sequência é anterior aos acontecimentos relatados na parashá Bamidbar, que dá início ao livro em que estamos. Neste caso, a Torá explicitamente declara não seguir a cronologia, estabelecendo o princípio de que não é seu objetivo contar uma história, e portanto, a ordem cronológica pode ter sido quebrada em outros momentos.

Assim, tendo recebido a Torá, estando o Tabernáculo contruído, o povo judeu está pronto para partir rumo a Terra Prometida. Logo no começo da viagem, o povo judeu demonstra-se insatisfeito e, pouco a pouco, a tensão e a insatisfação tomam conta. O povo exclama: “Quem nos dará carne para comer? Nós nos lembramos do peixe que comíamos de graça no Egito!...”. Aqui, quem se indigna somos nós. Como pode este povo, que presenciou dezenas de milagres, que é concretamente guiado por uma nuvem de D’us, que tem um líder bondoso, e que ainda por cima recebe maná deliciosa dos céus diariamente, tem coragem de protestar? Para responder, temos que nos atentar à expressão “de graça”. Como podemos aceitar o argumento de que o povo recebia carne de graça no Egito se eles eram escravos? Eles até podiam conseguir carne, mas certamente não era por falta de esforço. Então, “de graça” de que? Aí os comentaristas explicam: “de graça de mitzvot”. Mal havíamos começado nossa jornada como povo, não fazia nem um ano que a Torá havia sido entregue, e o povo já estava reclamando de tantas mitzvot. Obviamente, D’us não ficou muito contente, e não tardou com a punição. Entretanto, quem mais sofreu foi Moshe, que não mais suportava o fardo de liderar o povo sozinho. Neste momento, D’us decide emanar de Moshe parte de sua “revelação espiritual” a 70 anciões que passariam a liderar mais ativamente em conjunto com Moshe.

Em defesa do povo, poderíamos argumentar: os milagres do Egito já haviam acontecido há mais de um ano. Por todo este tempo, o povo judeu esteve em meio aos perigos e incertezas do deserto, restritamente dependentes de Moshe e seus milagres, e ainda recebendo cada vez mais tarefas para merecê-los. Tudo isto tinha um propósito: estava sendo criada uma nação que pudesse habitar e governar sua terra de acordo com os preceitos divinos, ética e moralmente. Mas, em meio ao deserto, onde para qualquer direção que se olhe só se vê dunas e areia, é difícil entender este propósito e

conscientizá-lo a cada passo em que o pé afunda na areia...

Nesse momento, para D'us, o povo cometeu uma falta injustificável, e por isso, foi punido. Mas, ficou claro para Ele e para Moshe, que o povo não poderia mais permanecer alheio ao seu próprio destino, e assim, divide-se a liderança e aumenta-se a participação do povo, por via de seus anciãos e líderes tribais, nas deliberações concernentes às suas vidas e ao caminho que eles gostariam de tomar.

Se pudermos grosseiramente comparar com a tnuá, não é incomum que nos encontremos repetindo jogos, faltando ideias para peulot ou simplesmente comparecendo nas atividades por obrigação. As vezes também nós nos encontramos no deserto não conseguindo enxergar o nosso destino.

Aprendemos então da Tora, que nestas situações, não basta termos ótimos líderes, com pleno conhecimento de causa e comprometimento, pois até mesmo Moshe não pode suportar toda a carga para si. Dividir a liderança não é apenas um mecanismo estratégico para aumentar efetividade ou descarregar o líder. Muito mais que isso, é uma forma de infundir um pouco desta “revelação espiritual” para que cada um seja capaz de enxergar seu destino, mesmo no deserto. Em cada peulá, cada iton escrito, cada prego martelado pela vaadat bait, que nós possamos enxergar o propósito da tnuá e realiza-lo com prazer. Pois, apesar de não ser nem um pouco “de graça”, se tivermos consciência do sentido da tnuá e mesmo fé em sua força, cada esforço será muito gratificante.

OBS: os melhores textos de parashat hashavua que encontrei na internet são os da Universidade Bar-Ilan, de Israel: <http://www.biu.ac.il/JH/parasha/eng/>

Miguel Zugman – Snif Curitiba – Shnat 2012